

DADOS DE FALA E DE ESCRITA E A TEORIA DA OTIMIDADE: PRIMEIRAS REFLEXÕES

Cátia de Azevedo FRONZA – UNISINOS

Maíra Ferrari REIS – UNISINOS

Micheli STEIN – UNISINOS

ABSTRACT: *This paper presents a research which intends to explain spoke and written productions by children. These data are being collected since 1994. In spite of this study is in initial stage, its proposes are presented, followed by preliminary discussions about phonological contexts which are being analysed focused on Optimality Theory.*

KEYWORDS: *phonology acquisition; speech; writing; Optimality Theory*

0. INTRODUÇÃO

Neste artigo, serão apresentadas informações sobre o andamento da investigação *Explorando dados de fala e de escrita: aplicações da Teoria da Otimidade*, iniciada em fevereiro de 2006. Desde 2001, tem-se voltado à busca de evidências para similaridades entre a aquisição da fala e da escrita. Em razão de os dados coletados a partir de então terem revelado semelhanças, assim como diferenças entre ambas as modalidades da língua, e de a Teoria da Otimidade (TO) estar sendo a base teórica de estudos sobre aquisição da fonologia, optou-se por utilizar os fundamentos da TO como base para a explicitação dos dados. Ainda não se teve acesso a investigações que se baseiem nessa teoria para discutir alterações de escrita. Fronza (2005) comenta brevemente sobre esta possibilidade. Observando-se a produção de ['burΣa] para a palavra *bruxa*, por exemplo, percebe-se a reorganização dos segmentos, a metátese. Casos semelhantes, entre outros tipos de ocorrência, são encontrados em textos produzidos por crianças de séries iniciais do Ensino Fundamental. Este estudo, então, pretende responder aos questionamentos que vêm surgindo, principalmente quanto às relações entre fala e escrita. Destacam-se, no âmbito deste artigo, as razões para a investigação, a metodologia empregada e breves discussões sobre alguns contextos fonológicos que têm sido objeto de análise.

1. Razões do estudo

Estudos como os de Fronza (2000, 2003, 2004a, 2004b, 2005), Fronza e Varella (2003a, 2003b), Fronza et al. (2006), entre outros, têm se dedicado à busca de evidências para similaridades entre a aquisição da fala e da escrita. Uma vez que os dados têm revelado semelhanças e diferenças no uso de ambas as modalidades da língua, esta pesquisa quer considerar a Teoria da Otimidade (TO) como a base para a explicitação dos dados. De acordo com Bonilha (2003a, p. 15), a TO é uma teoria dos Universais Lingüísticos e da Gramática Universal, na qual as gramáticas das diversas línguas compartilham restrições simples e universais que podem ser violadas, mas que serão organizadas, conforme hierarquias que determinarão cada língua. A princípio, como menciona Fronza (2005), a TO parece oferecer contribuições para reflexões sobre o processo de construção da escrita, pois, considerando estudos sobre a aquisição da fonologia, há restrições de fidelidade e de marcação que determinam o *output* realizado pela criança em cada fase. Pode-se dizer que, à medida que o contato da criança com a modalidade escrita da língua aumentar, durante sua alfabetização, como reflete Fronza (op. cit.), diferentes ranqueamentos das restrições propiciarão *outputs* que tendem a ser os esperados no domínio do sistema de escrita. O fato de as mesmas restrições estarem presentes na gramática do adulto e na da criança, conforme destacam Barlow e Gierut (1999), apesar de diferentes ranqueamentos, e a percepção inicial de Fronza (2005) quanto à possibilidade de essas restrições também explicarem fatos de aquisição da escrita motivam uma investigação sobre o valor explanatório da TO para os dados de fala e escrita que constituirão os *corpora* nesta proposta.

2. Os dados de fala e a análise

Serão considerados nesta investigação os dados de fala apresentados por Azevedo (1994) e Fronza (1999) e os dados gravados digitalmente nas coletas da pesquisa “A produção de vogais e de consoantes por crianças de 2 a 10 anos: evidências de fala e de escrita”.

Os dados de Azevedo (1994) e os de Fronza (1999) foram obtidos em um estudo transversal, que envolveu entrevistas de crianças de 1:6 a 3:3. As gravações das entrevistas estão em fitas cassete, mas será preciso verificar quais serão aproveitadas para posterior digitalização. É importante dizer que, apesar de essas pesquisas terem se voltado à aquisição dos contrastes de sonoridade e de ponto de articulação, foi realizada a transcrição ampla de todos os dados. Considerando esta proposta, as transcrições feitas serão revisadas e ampliadas, quando for o caso.

Os dados obtidos com a pesquisa “A produção de vogais e de consoantes por crianças de 2 a 10 anos: evidências de fala e de escrita”, desde 2004, que conta com 12 informantes, serão retomados para a análise com base na Teoria da Otimidade. A princípio, será considerado o algoritmo de aprendizagem, proposto por Tesar e Smolensky (2000), também utilizado por Bonilha (2000, 2003a, 2003b), entre outros estudos com essa base teórica. Assim, pretende-se verificar, através dos dados, como a TO dá conta da aquisição fonológica desses informantes, a partir das promoções e demissões de restrições de marcação e de fidelidade que se estruturam em hierarquias para justificar o *output* ótimo para a criança, conforme já mencionado.

Será dada continuidade à coleta de dados dos 12 informantes, que já estão com aproximadamente 4 anos nesse período. Deve-se mencionar aqui que a “sacola de brinquedos”, o instrumento de coleta que vem sendo utilizado desde 2004, em que constam brinquedos, livros, jogos de atenção, passa por constantes renovações para motivar e diversificar a participação das crianças. As coletas continuarão sendo realizadas nas escolas das crianças, tentando acompanhar as mudanças que podem ocorrer, ou, se a família preferir, nas residências. É bem provável que algumas crianças tenham alguns registros de escrita. Se isso ocorrer, pretende-se coletar esse tipo de dado também, justamente para verificar como se inicia o contato com essa modalidade da língua.

Com a riqueza de dados de fala, entende-se que os recursos para análise fonética disponibilizados pelo Multi-Speech, pelo PRAAT e outros podem ser aproveitados. Tais recursos possibilitarão explicitações importantes das produções das crianças principalmente quando ocorrerem dúvidas de transcrição (Multi-Speech, PRAAT).

3. Os dados de escrita e a análise

As ocorrências de escrita serão disponibilizadas pelos estudos já mencionados no início da seção 1. Serão considerados os casos de escrita que se caracterizam pela sua natureza fonológica, ou seja, aqueles que alteram a estrutura da palavra, interferindo no sistema da língua, prejudicando a compreensão de seu significado. Por exemplo, quando uma criança escreve *cata*, ao invés de *carta*, além de não utilizar a estrutura CVC (car-), registrou uma palavra nova. Esse registro pode interferir no entendimento do leitor, em sua primeira leitura. Somente se o contexto permitir, tal dificuldade poderá ser sanada. Muitas vezes é preciso recorrer ao autor do texto diante de tais registros.

Uma vez que o que se pretende é considerar as alterações de natureza fonológica, as realizações classificadas como MES de Fala e de Escrita, conforme Fronza (2004a, 2004b), serão revisadas e redistribuídas nas categorias MESeg (Modificação na Estrutura Segmental), alterando um grafema/segmento e em MSeq (Modificação na Estrutura Seqüencial), quando há alterações em seqüências de dois ou mais segmentos, modificando a sílaba, por exemplo. Esse levantamento considerará cada informante, sua série e a progressão no uso da escrita. As ocorrências serão analisadas a partir dos fundamentos da TO, adotando-se, inicialmente, mesmos procedimentos para a análise das produções de fala: identificação das ocorrências, conforme a produção de consoantes e de vogais, diferenciando plosivas, fricativas, africadas, nasais, laterais e róticas e de acordo com a posição que ocuparem na estrutura da sílaba e da palavra.

Desde Varella (1993), muitos trabalhos refletiram sobre a presença da fonologia na escrita. Por outro lado, até agora não se teve acesso a uma investigação que se baseie no arcabouço da Teoria da Otimidade para discutir alterações de escrita. Fronza (2005) faz uma breve menção sobre esta possibilidade, aproveitando o estudo de Lamprecht (2002) sobre as metáteses. Um exemplo de metátese é o caso da produção [ˈburʒa] para a palavra *bruxa*. Como se vê, houve uma reordenação dos segmentos. Casos semelhantes, como o da palavra *persente*, ao invés de presente, foram encontrados em textos produzidos pelos informantes dos estudos mencionados. Acredita-se que, ao considerar tal teoria, seja possível indicar evidências para a aquisição da “fonologia na modalidade escrita”.

A partir das evidências fornecidas pela TO, será realizado um tratamento estatístico dos dados de fala e de escrita, disponibilizado pelo programa VARBRUL (PINTZUK, 1988; BRESCANCINI, 2003), em que se consideram variáveis lingüísticas e não-lingüísticas para a organização dos dados a serem considerados. Muitos estudos sobre a aquisição fonológica estão utilizando esse programa que, apesar de ter finalidade estatística, possibilita a identificação dos dados lingüísticos relevantes para o estudo.

4. O onset complexo na produção dos informantes

Para iniciar esta seção, vale a pena inserir o quadro 1, com exemplos de palavras em que a escrita da estrutura de onset complexo diferencia-se do alvo.

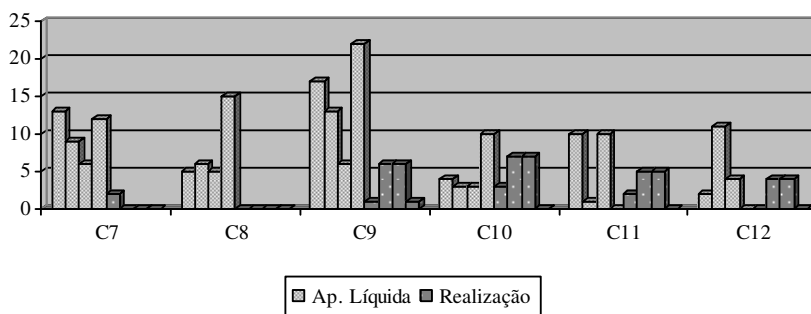
1ª série	
Alvo	Realização
preocupados	perupado
brigando	prigendo
grandes	trades
entrou	endrou
grande	gande

Quadro 1 – Exemplos de alterações na escrita de estrutura CCV

Verificam-se, pelos dados, um caso em que o grafema *r* é omitido, muda de posição na palavra e ocorrências em que a primeira consoante é alterada, como *prigendo*. O fato de as crianças de 1ª série não produzirem estratégias de não realização da estrutura CCV na sua fala é uma das razões que motiva o olhar para tais contextos de escrita. Em razão desses tipos de ocorrência, dados de onset complexo têm merecido atenção.

Como os informantes mais jovens deste estudo vêm sendo acompanhados desde os seus 2 anos, retomam-se alguns dados de Gomes (2005), que analisou a produção de 4 crianças, das 12 que também integram a pesquisa: dois meninos e duas meninas. Apresentam-se aqui constatações sobre o uso de onset complexos durante o primeiro ano de coleta, 2004, em que são consideradas 452 possibilidades de produção. Destaca-se, então, conforme o gráfico 1, o primeiro uso de onset complexo. Isso ocorreu com o informante L, aos 2;7, na coleta 7. Gomes (op. cit.) também verificou que a estratégia de reparo mais utilizada pelos informantes foi a não-realização da consoante líquida. Embora a autora tenha feito uma análise mais detalhada, no âmbito deste artigo, parte-se da coleta em que houve as primeiras realizações da estrutura CCV. Verificaram-se outras estratégias, mas em quantidade inferior às que são indicadas no gráfico.

Gráfico 1- Apagamentos C2 x Realizações (C7 a C12)



Conforme o gráfico, cada coluna (4 na cor mais clara e 4 na cor mais escura) indica um informante, na ordem L, M, J e C, para cada cor. Como já foi mencionado, para esses informantes, a estratégia de apagamento da líquida, como nas realizações de cobra → [‘k ba], foi a mais adotada no contexto de onset complexo. As coletas 9, 7 e 8 são as que evidenciam mais casos desse tipo. É importante ressaltar que o informante L continuou fazendo usos adequados nas coletas 9, 10 e 11, apesar de haver menos ocorrências em relação às outras crianças.

Direcionando o estudo do onset complexo para uma breve explicitação com base na Teoria da Otimidade, os *tableaux* a seguir exemplificam 3 hierarquias, a partir das restrições de Marcação e Fidelidade, para dar conta de 3 ocorrências possíveis na fala das crianças, sendo as duas primeiras produções de um mesmo informante, conforme Gomes (2005).

Tableau 1: Hierarquia do output [k ba] para ‘cobra’

/k bPa/	NO-CC	LIN	DEP-IO	MAX-IO
a) k .bPa	*!			
☞ b) k .ba				*
c) k .ba.Pa			*!	
d) k P.ba		*!		

De acordo com o que se verifica no *tableau* 1, k .ba é escolhido como candidato ótimo porque viola a restrição ranqueada mais abaixo nesta hierarquia, MAX-IO, que não permite apagamentos. O candidato (a) viola NO-CC, que ocupa a posição mais alta na hierarquia, porque apresenta encontro consonantal; os candidatos (c) e (d) incorrem nas violações de LIN e DEP-IO, porque evidenciam metátese e epêntese, respectivamente.

Tableau 2: Hierarquia do output [‘k baPa] para ‘cobra’

/k bPa/	NO-CC	LIN	MAX-IO	DEP-IO
a) k .bPa	*!			
b) k .ba			*!	
☞ c) k .ba.Pa				*
d) k P.ba		*!		

No *tableau* 2, então, (a) viola NO-CC, (d) não atende à restrição LIN, (b) viola MAX-IO, e (c) é o *otuput* vencedor, devido à mudança na relação de dominância entre as duas restrições (MAX-IO e DEP-IO), que estão em posição diferente, se comparadas ao *tableau* 1.

Tableau 3: Hierarquia do output [‘k Pba] para ‘cobra’

/k bPa/	NO-CC	DEP-IO	MAX-IO	LIN
a) k .bPa	*!			
b) k .ba			*!	
c) k .ba.Pa		*!		
☞ d) k P.ba				*

Como se vê no *tableau* 3, (d) é o *output* ótimo porque houve alterações na relação de dominância entre as restrições de fidelidade DEP-IO>>MAX-IO>>LIN, que se diferenciam dos *tableaux* 1 e 2.

Os *outputs* escolhidos em cada uma das hierarquias, em que a restrição de marcação NO-CC é dominante, por ser apresentada em primeiro lugar, diferenciam-se em função das mudanças de ordenação das Restrições de Fidelidade. É importante dizer que os *tableux* apresentam algumas das restrições possíveis; dependendo dos *outputs*, outras restrições e ranqueamentos serão necessários.

5. Alguns dados sobre as fricativas

Levando em consideração as alterações de escrita que são verificadas no uso dos grafemas que representam as fricativas /f, v, s, z, Σ, Z/, como as apresentadas no quadro 2, retiradas de textos de pesquisas anteriores, julga-se importante inserir neste artigo dados a respeito da produção de 2 informantes na idade de 1;10 a 2;5, considerada por Lemes (2006). Ambos os sujeitos, uma menina e um menino, “J” e “H”, também fazem parte da pesquisa “A produção de vogais e de consoantes por crianças de 2 a 10 anos: evidências de

fala e de escrita”, da mesma forma como os sujeitos de Gomes (2005) e continuam sendo acompanhados no estudo sobre o qual se dá destaque aqui.

Antes de mais nada, é preciso verificar o quadro 2. Verificam-se muitas alterações que remetem às diferenças de sonoridade entre os pares de fricativas /f – v/, /s – z/, /Z-Σ/ e nos traços de ponto e de modo de articulação: /Σ – s/, /v – b/: voltar → foltar, fazendo → vasedmo; já → châ, chuva → suva, salvar → sabar, respectivamente.

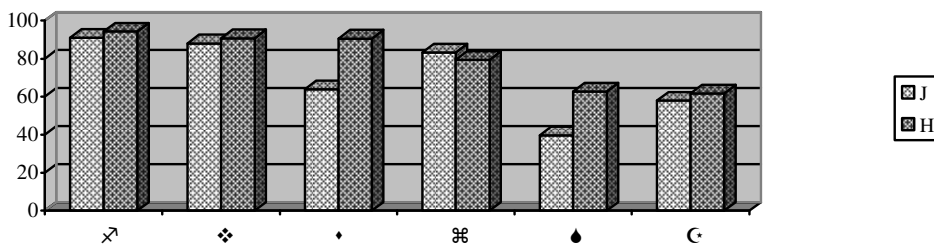
SJ			
2ª série			
Alvo	Realização	Alvo	Realização
viajar	viazar	festas	vestas
voltar	foltar	chuva	suva
vir	fir	salvar	sabar
vocês	foseis	ficou	vicou
fazendo	vasemdo	falou	valou
viajando	fiagando	filha	vilha
ajuda	aguda	fora	vora
jogamos	gogamos	nuvem	nufem
ajudante	agudante	vento	fento
loja	loga	já	châ

Quadro 2 - Exemplos de dados de escrita com fricativas

Também é importante dizer que, em muitos dos casos do quadro 2, a criança, ao utilizar, por exemplo, o grafema g, ao invés de j, pode ainda não ter percebido que, num contexto como o da palavra ‘viajando’, isso não pode ocorrer, já que em nosso sistema de escrita não é possível que o grafema ‘g’ antes da vogal ‘a’ tenha som de [Z]. É possível que ela tenha feito relação com palavras como gelado, gente, gigante, entre outras. Ela precisa dominar uma das regras de correspondência grafo-fonêmica dependentes de contexto grafêmico, a regra D2.7, de acordo com Scliar-Cabral (2003), ou seja, antes das letras “o” e “a”, o grafema “g” é lido “como a realização do fonema /g/” (op. cit., p. 91).

Como já foi indicado no início desta seção, casos de escrita como os apresentados, estão direcionando estudos mais específicos sobre a aquisição das fricativas. Retomam-se aqui os dados de Lemes (2006), que faz uma descrição minuciosa da produção de duas crianças – J e H, ambos com 1:10 no início das entrevistas - nas primeiras oito coletas realizadas, compreendendo, portanto, cerca de oito meses de produção dos informantes. Inserem-se, neste espaço, apenas dados percentuais sobre a presença desses fonemas na fala de cada criança.

Gráfico 2 - Dados percentuais das produções adequadas de J e H



Os valores percentuais de ambos os informantes assemelham-se na produção de /f/, /v/, /z/ e /Z/, diferenciando-se nos usos de /s/ e /Σ/. É importante lembrar que as possibilidades de ocorrências, embora não tenham sido em mesma quantidade na fala de cada um, remetem às 8 coletas como um todo. Há outros fatores que podem explicar melhor as diferenças, mas que não serão explorados no âmbito deste estudo. Para maiores detalhes, sugere-se a leitura de Lemes (2006). Como exemplos de usos adequados desses fonemas, citam-se: fogo → [‘fogu], vaca → [‘vaka] palhaço → [pa’xasu], televisão → [teli’z↔@w@], cachorro → [ka’SoRu] e jacaré → [Zaka’rE], produzidas por J; faca → [‘faka], cavalinho → [kava’li/u], massa → [‘masa], parafuso → [para’fuzu], peixinho → [pe’Σi/u] e girafa → [Zi’rafa], que são produções de H.

Ressalta-se, ainda, que Lemes (2006) voltou-se a apenas 2 informantes. Outras constatações poderão surgir, com mais dados e com mais sujeitos.

6. Uma palavra sobre o contexto da coda

Recentemente, contextos de coda com líquidas e fricativas têm merecido atenção. Observando crianças escrevendo palavras em fase inicial de alfabetização, ao pensarem na escrita de palavras como “gosta”, pronunciavam [ˈg sta], mas, antes de registrar, imediatamente diziam [Zeˈ] [teˈa] e escreviam “gota”. Os adultos, ao perceberem essa escrita, solicitavam que as crianças ouvissem sua pronúncia e, depois de várias vezes, elas percebiam a ausência do grafema e faziam a inserção. Esse fato parece indicar que, ao utilizar a representação escrita, cada criança, inicialmente, concentra-se no registro da sílaba básica da língua, CV, e, aos poucos, vai percebendo que precisa inserir o grafema que representa a consoante na coda. Considerando os estudos sobre a aquisição das fricativas nessa posição, de acordo com Mezzomo (2004), /s/, na coda final, como na palavra [ˈlapis], por exemplo, tende a ser dominado pelas crianças aos 2:6 e, em coda medial, como no caso de escrita citado, em torno dos 3:0. Pelo que indicam esses estudos, tais contextos fonológicos, então, não são dominados desde cedo pelas crianças. Será que, na escrita, esse tipo de estrutura pode ser considerado de aquisição mais tardia também? Eis uma pergunta que este estudo também pretende responder.

Em razão de esse tipo de contexto já estar sendo foco de questionamento, apresenta-se uma breve reflexão a partir de uma proposta de hierarquia de restrições que pode operar na gramática da criança, quando ela utiliza o apagamento, uma das estratégias de reparo mais frequentes nos dados de fala de um informante da pesquisa que vem sendo acompanhado desde 2004¹.

Tableau 4 : Hierarquia do *output* [g tu] para ‘gosto’

/ g s.tu /	NO-CODA	LIN	DEP-IO	MAX-IO
a) g s.tu	*!			
☞ b) g .tu				*
c) g .tus	*!	*		
d) g .su.tu			*!	

De acordo com o *tableau* 4, o *output* escolhido como ótimo é o candidato (b), [g tu], já que viola a restrição ranqueada mais abaixo na hierarquia: MAX-IO. O candidato (a) viola a restrição ranqueada mais acima na hierarquia, ou seja, NO-CODA. Essa restrição também é violada pelo candidato (c), que viola ainda a restrição LIN, uma vez que ocorre metátese. O candidato (d), por sua vez, viola DEP-IO, pois há epêntese.

É importante dizer que esse *tableau* apresenta uma hierarquia de restrições que pode se modificar ao longo do processo de aquisição da linguagem. Desse modo, quando a criança deixar de realizar a estratégia de apagamento, pode-se chegar à hierarquia apresentada pelo *tableau* 5.

Tableau 5: Hierarquia do *output* [g stu] para ‘gosto’

/ g s.tu /	LIN	DEP-IO	MAX-IO	NO-CODA
------------	-----	--------	--------	---------

¹ Para mais detalhes sobre o informante e os dados que possibilitam a reflexão aqui apresentada, deve-se buscar o texto “DADOS DE PRODUÇÃO DAS FRICATIVAS: UM OLHAR A PARTIR DA TEORIA DA OTIMIDADE”, de autoria de Micheli Stein e Cátia de Azevedo Fronza, que consta nesta mesma publicação.

a) g s.tu				*
b) g .tu			*!	
c) g .tus	*!			*
d) g .su.tu		*!		

Pelo tableau 5, se comparado ao anterior, percebe-se o processo de demissão de hierarquias, que leva à escolha de um outro *output*. Nesse caso, a restrição NO-CODA é demovida, passando a ocupar o lugar mais abaixo na hierarquia. O *tableau* mostra que o candidato (a) foi o ótimo, pois violou tal restrição. O candidato (b), antes escolhido, passou a violar a restrição agora está ranqueada mais acima, não podendo ser considerado o *output* ótimo.

Também estão sendo consideradas ocorrências de coda não lateral, como na palavra [maP'tElu], quando a criança realiza estratégias de apagamento, produzindo [ma'tElu], por exemplo².

Diante dos diferentes contextos fonológicos e dos dados que podem ser explicitados oportunizados pelo acompanhamento longitudinal dos informantes, outros trabalhos estão sendo implementados, principalmente baseados na TO, com pesquisas na graduação em Letras e no Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, região metropolitana do Rio Grande do Sul.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS³

Este artigo, então, cumpre a meta de apresentar uma pesquisa recém iniciada, mas que foi motivada por investigações realizadas desde a década de 90. Neste contexto, o estudo pretende responder a questionamentos sobre as relações entre fala e escrita, como os que se destacam a seguir. Por que uma criança, entre 7 e 10 anos escreve formas como *burxa* (bruxa), *persente* (presente), *pota* (porta), *pata* (pasta), se sua fala não mais revela esse tipo de estrutura? De que estratégias ela pode estar se valendo ao escrever? Que tipo de estratégias ela poderia ter usado na fala? É possível considerar uma aquisição da “fonologia na modalidade escrita” de modo semelhante ao que se observa na aquisição da fala? Como as crianças que estavam com 2 anos, em 2004, iniciarão seu contato com a escrita? O que a TO tem a dizer quanto aos dados de fala e de escrita que serão considerados por este estudo? Será possível aproveitar o mesmo arcabouço teórico para ambas as modalidades? Ou, ao contrário, uma nova proposta surgirá para dar conta dos dados de escrita? Na medida em que essas perguntas forem sendo respondidas ou possibilitarem outras, os resultados serão evidências para os avanços teóricos e para a identificação ou explicitação de relações entre a fala e a escrita.

Acredita-se que a análise dos dados de fala sob o prisma da TO e com o aproveitamento dos recursos tecnológicos para explicitações fonéticas e fonológicas têm muito a contribuir com os estudos sobre a aquisição da fonologia do Português Brasileiro, além de compartilhar dados para que os estudos interlingüísticos sejam beneficiados. A partir do momento em que for possível aplicar essa base teórica aos dados de escrita, mais força ganha a teoria, e a percepção de uma fonologia para a escrita pode se confirmar. Além disso, entende-se que os resultados desta pesquisa possam contribuir para o debate sobre as semelhanças e diferenças entre aquisição da linguagem oral e a modalidade escrita da língua, trazendo subsídios para o contexto do ensino-aprendizagem do sistema escrito e para o processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem, área de interesse de lingüistas, psicólogos, pedagogos, fonoaudiólogos, entre outros.

RESUMO: Este artigo apresenta uma investigação que pretende explicitar produções de fala e de escrita por crianças. Tais dados vêm sendo coletados desde 1994. Como o estudo está em fase inicial, apresentam-se a

² O texto “CONSOANTES LÍQUIDAS E A TEORIA DA OTIMIDADE NA FALA INFANTIL” apresenta uma reflexão sobre dados desse tipo de contexto. O trabalho é de autoria de Maíra Ferrari Reis e de Cátia de Azevedo Fronza, que se encontra, inclusive, neste conjunto de publicações do 7º Encontro do CeISul.

³ Registra-se que o projeto intitulado “Dados de Fala e de Escrita e a Teoria da Otimidade”, contemplado com o Edital MCT/CNPq 61/2005 - Ciências Humanas, Sociais e Sociais Aplicadas deu origem a este artigo. A pesquisa conta com a participação e dedicação de Micheli Stein e de Maíra Ferrari Reis, bolsistas de Iniciação Científica FAPERGS e UNISINOS, respectivamente.

proposta da pesquisa e discussões preliminares sobre contextos fonológicos em análise cujo foco está na Teoria da Otimidade.

Palavras-chave: aquisição da fonologia; fala; escrita; Teoria da Otimidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AZEVEDO, Cátia de. *Aquisição normal e com desvios da fonologia do Português*: contrastes de sonoridade e de ponto de articulação. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre, PUCRS, 1994.
- BARLOW, Jessica A.; GIERUT, Judith A. Optimality Theory in Phonological Acquisition. *Journal of Speech, Language, and Hearing Research*, v. 42, p. 1482-1498, 1999.
- BONILHA, Giovana Ferreira Gonçalves. Aquisição da estrutura silábica do português: uma análise dos ditongos orais decrescentes. In. MATZENAUER, Carmen Lúcia Barreto; BONILHA, Giovana Ferreira Gonçalves. *Aquisição da fonologia e teoria da otimidade*. Pelotas, EDUCAT, p. 67-95, 2003b.
- _____. *Aquisição dos ditongos orais decrescentes: uma análise à luz da Teoria da Otimidade*. Dissertação (Mestrado em Letras) – UCPel, Pelotas, 2000.
- _____. Teoria da Otimidade. In. MATZENAUER, Carmen Lúcia Barreto; BONILHA, Giovana Ferreira Gonçalves. *Aquisição da fonologia e teoria da otimidade*. Pelotas, EDUCAT, p. 13-24, 2003a.
- BRESCANCINI, Cláudia Regina. A Análise da regra variável e o programa VARBRUL 2S. In. BISOL, Leda; BRESCANCINI (Orgs.) *Fonologia e variação*. Porto Alegre: Edipucrs, p. 13-75, 2003.
- FRONZA, Cátia de Azevedo. *O nó laríngeo e o nó ponto de C no processo de aquisição normal e com desvios do português brasileiro*: a existência de uma tipologia. Tese de Doutorado. Porto Alegre, PUCRS, 1999.
- _____. Texto nas séries iniciais: evidências fonológicas. Comunicação apresentada no VI Congresso Nacional de Fonética e Fonologia, Niterói - RJ, 2000.
- _____. Textos nas séries iniciais: evidências fonológicas – resultados preliminares. In: II Congresso Internacional da ABRALIN, *Anais...* Fortaleza: Imprensa Universitária/UFC, p. 103-105, 2003.
- _____. Speech and Writing: phonology acquisition during literacy. Comunicação apresentada no SECOND LISBON MEETING ON LANGUAGE ACQUISITION, Lisboa, 2004a.
- _____. Estudo comparativo de dados de escrita no ensino fundamental. In: II ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE LÍNGUAS E XVII SEMANA DE LETRAS, 2003, Caxias do Sul. *Anais do II Encontro Nacional de Ensino de Línguas e da XVII Semana de Letras*. Caxias do Sul: EDUCS, 2004b. p. 1-17.
- _____. Aquisição da escrita e teoria da otimidade: uma reflexão inicial. *Revista de Estudos da Linguagem*, Minas Gerais, v. 13, n. 2, p. 7-25, 2005.
- FRONZA, Cátia de Azevedo; GOMES, Cristiane; LEMES, Patricia Beatriz; STEIN, Micheli; Relações entre fala e escrita: contribuições para a ação do professor. 2006 (no prelo)
- FRONZA, Cátia de Azevedo; VARELLA, Noely Klein. Aspectos fonológicos nos textos de crianças em alfabetização. *Textura*. v. 8, p. 39-48, maio a outubro de 2003b.
- FRONZA, Cátia de Azevedo; VARELLA, Noely Klein. Texto e fonologia na alfabetização: implicações pedagógicas. In. 13º COLE – Congresso de Leitura do Brasil, *Anais...* São Paulo: ALB (CD-ROM), p. 1-12, 2003a.
- GOMES, Cristiane. *A produção de onsets complexos por crianças de 2 anos*. Trabalho de Conclusão do Curso de Letras, Unisinos, 2005.
- GUIMARÃES, Marisa Carlota Rosa. *Um estudo sobre a aquisição da ortografia nas séries iniciais*. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Pelotas, 2005.
- LAMPRECHT, Regina Ritter. Methatesis in phonological acquisition: a window to constraint ranking in the child's system. In. Costa, J. e Freitas, M. J. (orgs.) *GALA 2001 Conference on Language Acquisition*, Lisboa, ALP, v. 1, p. 149-154, 2002.
- LEMES, Patricia Beatriz. *Produção de fricativas na fala infantil: um olhar sobre a fala de dois informantes com idade de 1;10 a 2;5*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Curso de Letras) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2006.
- MEZZOMO, Carolina. Sobre a aquisição da coda. In. LAMPRECHT, Regina R.(Org.). *Aquisição fonológica do português: perfil de desenvolvimento e subsídios para terapia*. Porto Alegre: ARTMED, p.129-150, 2004.
- PINTZUK, Susan. *Programas Varbrul*. Tradução de Ivone Isidoro Pinto. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 1988.
- SCLIAR-CABRAL, Leonor. *Princípios do sistema alfabético do português do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2003a.

TESAR, Bruce; SMOLENSKY, Paul. *Learnability in Optimality Theory*. Cambridge, MA: MIT Press, 2000.
VARELLA, Noely Klein. *Na aquisição da escrita pelas crianças ocorrem processos similares aos da aquisição da fala?* Dissertação de Mestrado. Porto Alegre, PUCRS, 1993.